

Um bom ponto de partida para uma reflexão sobre a “época de João” é justamente a observação das características climáticas deste período do ano. O clima típico é formado por dias curtos e ensolarados com um belo céu azul acompanhados por noites límpidas com céu estrelado podendo ser muito frias. A seqüência de muitos dias assim pode levar a uma intensificação do calor, ocorrendo os chamados “veranicos” (períodos de calor durante o inverno) em que são freqüentes as inversões térmicas (ar mais frio e mais quente nas camadas mais baixas e mais quentes nas camadas mais altas da atmosfera impede a circulação atmosférica normal, que dispersa poeira e poluentes). Durante estes veranicos com inversão térmica esperamos ansiosamente que uma frente fria (massa de ar polar) consiga chegar e a chuva e os ventos limpem a atmosfera e restabeleça e umidade do ar. Estas frentes frias podem chegar rápida e bruscamente causando queda de temperatura de até 10°C em poucas horas. Nestas ocasiões e durante toda esta época os agricultores aguardam e se preparam para a possibilidade de ocorrerem geadas.

Nesta época do ano estamos mais predispostos a tomar consciência dos processos climáticos que são manifestações dos elementos (calor, ar e água) que formam o organismo da Terra. Esta época, particularmente o mês de Junho, é caracterizada pelas famosas festas juninas ou festas de São João. Na realidade, em Junho se comemoram as festas de três santos com características próprias, mas que tiveram suas comemorações reunidas nas festas juninas. No dia 13 de Junho se comemora o dia de Santo Antonio, que é considerado o padroeiro dos casamentos. Nas missas do dia de Santo Antonio as igrejas distribuem pãezinhos abençoados, os chamados pãezinhos de Santo Antonio, que as pessoas colocam dentro das latas de mantimentos para terem fartura o ano todo.

O dia de São João, comemorado no dia 24 de Junho, é o mais festejado dos três e bem apropriadamente cedeu seu nome à época. Na festa tradicional de São João, depois de se rezar o terço, festeja-se com alimentos típicos da época e do lugar: milho, e seus derivados (pipoca, canjica, bolo de fubá), amendoim, batata doce, pinhão, bebidas quentes à base de gengibre. Os alimentos são consumidos ao redor de uma fogueira, estouram-se fogos de artifícios, dança-se a quadrilha e nas quermesses existem as brincadeiras de tiro ao alvo e pescaria. Toda a festa lembra a terra, os produtos da terra, as pessoas que trabalham na terra (os “caipiras”) e a dissolução desta terra transformando-se em calor e luz (a fogueira).

No dia 29 de Junho se comemora o dia de São Pedro e a ela se atribui o controle do clima, justamente do clima de cujos processos estamos mais conscientes nesta época.

Devemos nos lembrar de que o São João desta época é o João Batista que anunciou a vinda do Cristo que realizou o Batismo no Jordão, que propiciou a incorporação da entidade do Cristo no corpo de Jesus de Nazaré. E então nos lembramos de mais uma festa que ocorreu nesta época: a festa de Corpus Christi ou Corpo de Cristo.

É, das festas religiosas, uma das mais fascinantes e intrigantes. É muito comemorada nas pequenas cidades do interior onde as ruas são entidades para a procissão de Corpus Christi. Tradicionalmente utilizavam-se nestes enfeites de rua materiais naturais arranjados artisticamente formando figuras geométricas ou quadros religiosos. Entre os materiais destacava-se a flor de São João, um cipó trepadeira de flores cor de laranja que cobre os barrancos e beiras de estradas de quase todo o Centro-Sul do Brasil nesta época do ano. Esta planta pertence à família das Bignoniáceas (família dos ipês roxo e amarelo, que também caracterizam a paisagem desta época) e tem o nome científico de *Bignonia ignea* ou *Pyrostegia ignea*, que lembra bem apropriadamente sua semelhança com o fogo, que também

nesta época costuma se alastrar pelas beiras da estrada.

Atualmente, muitas cidades realizam estes enfeites utilizando-se dos mais diversos materiais, desde os naturais como flores e areias coloridas, até serragens coloridas artificialmente. Toda a comunidade do lugar se junta para socialmente executar uma obra de arte popular efêmera. O trabalho é feito na noite e na madrugada do dia de Corpus Christi, fica pronto pelo meio da manhã, é admirado pelas pessoas da cidade e pelos visitantes (hoje turistas) até às 5 horas da tarde quando acontece a procissão e todo o trabalho é desmanchado em poucas horas.

Na procissão de Corpus Christi, o Santíssimo Sacramento ou o cibário (um recipiente dourado onde se encontra uma hóstia consagrada e do qual irradiam raios solares) que fica sempre dentro do Sacrário no altar da igreja sendo retirado durante a missa no ato da consagração ou transubstanciação, é retirado do altar e sai, não somente do altar mas sai do próprio templo, sendo levado nas mãos de um sacerdote, através das ruas das cidades; ruas estas que são preparadas para recebê-lo com materiais da terra transformados em obra de arte pelo trabalho social humano.

Podemos ter uma compreensão mais abrangente do significado desta festa através da obra de Rudolf Steiner, particularmente em “O Evangelho de João” XIV Conferência (07/07/1909 – Kassel) pág. 248-250.

“No momento da evolução dos nossos tempos, em que a era cristã começa com um novo “I”, acontece algo que é do mais alto significado para toda a evolução da Terra, e também para a evolução cósmica, na medida que a evolução cósmica está ligada à Terra. Sim, foi criado um novo centro com o acontecimento da Gólgota. O Espírito de Cristo está desde então ligado à Terra. Ele aproximou-se pouco a pouco, e agora está na Terra desde esse momento. Trata-se portanto de os homens aprenderem a reconhecer que o espírito de Cristo se encontra na Terra desde esse momento, que o Espírito se encontra em qualquer produto da Terra. E trata-se de os homens reconhecerem todas as coisas sob o ponto de vista da morte, quando não lhes vem implícito o Espírito de Cristo, mas reconhecerem todas as coisas sob o ponto de vista da vida, quando o Espírito De Cristo lhe é inerente.

Estamos apenas no princípio daquela evolução, que é a evolução cristã. O futuro desta evolução consiste em vermos o corpo de Cristo em toda a Terra. Porque Cristo entrou desde esse momento da Terra, e criou um novo ponto central de luz. Ele penetra a Terra, ilumina o mundo e está entretido para a eternidade na aura terrestre. Por isso, ver hoje a Terra sem o Espírito de Cristo, que lhe está na origem, é ver o apodrecer e o decompor da Terra, o corpo em decomposição. Por todo lado onde se veja apenas matéria, temos a ver com falsidade”.

“Tomai agora qualquer coisa da Terra. Quando a reconhecerdes corretamente? Quando disserdes: “Isto é uma parte do corpo de Cristo!” Que podia Cristo dizer àqueles que o queriam reconhecer? Na medida em que partiu o pão feito com trigo da terra, Cristo pôde dizer-lhes: “Isto é meu corpo!” Que podia dizer-lhes quando lhes deu sumo da videira, que vem do sumo das plantas? “Isto é meu sangue!” Porque Ele se tornara a alma da Terra. Pode dizer daquilo que era sólido: “Isto é minha carne”, e do sumo das plantas: “Isto é meu sangue”, tal como vós dizeis da vossa carne: isto é minha carne, e do vosso sangue: isto é o meu sangue. E aqueles homens capazes de compreender o sentido correto destas palavras de Cristo formam imagens do pensamento para si próprios, e atraem o corpo e o sangue de Cristo para o pão e o sumo da videira; eles atraem para estes últimos o Espírito de Cristo. Assim o símbolo da última Ceia tornou-se realidade.”

Compreendendo através do conhecimento antropológico que a Terra é o próprio corpo de Cristo, então temos o elemento chave para compreendermos todo o significado e o sentido

desta época joanina.

Nesta época nos tornamos mais conscientes do clima, ou seja do organismo vivo da Terra, lembramos que a terra os alimenta, lembramos dos que trabalham na terra e por fim lembramos que a Terra é o próprio corpo do Cristo, que começou a se transformar num novo Sol por ocasião do evento da Gólgota.

Esta situação nos leva um pouco mais próximos de compreendermos quando Rudolf Steiner diz no ciclo “O decorrer do ano em quatro imaginações cósmicas” que a imaginação na trindade, é a imaginação joanina propriamente dita: O Filho entre O Espírito-Pai (Cosmos) e a Mãe-Substância (Terra).

Espero ter trazido nesta ocasião uma colaboração para a compreensão e adequada comemoração desta época de João, na forma de subsídios para um trabalho que deve ser continuado.

(RESUMO DA CONFERÊNCIA DADA POR MARILDA MILANESE EM COMEMORAÇÃO A ÉPOCA JOANINA (21/06/95)

(Texto extraído da Revista Nós, Época de São João 2002, da Escola Waldorf Rudolf Steiner, em SP)